

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BIANCA LARISSA NASCIMENTO CHAGAS
EVELYN KALYNE DO CARMO
LEANDRO PAULO DE OLIVEIRA

**EDUCAR PARA NÃO MACHUCAR:
Os desafios da formação pedagógica e estrutural para o ensino de
Educação Sexual nos anos iniciais.**

RECIFE/2023

BIANCA LARISSA NASCIMENTO CHAGAS
EVELYN KALYNE DO CARMO
LEANDRO PAULO DE OLIVEIRA

**EDUCAR PARA NÃO MACHUCAR:
Os desafios da formação pedagógica e estrutural para o ensino de Educação
Sexual nos anos iniciais.**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.

Professor(a) Orientador(a): Me. Ariedja de Carvalho Silva

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C426e Chagas, Bianca Larissa Nascimento.
Educar para não machucar: os desafios da formação pedagógica e estrutural para o ensino de educação sexual nos anos iniciais / Bianca Larissa Nascimento Chagas; Evelyn Kalyne do Carmo; Leandro Paulo de Oliveira. - Recife: O Autor, 2023.
15 p.

Orientador(a): Ma. Ariedja de Carvalho Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2023.

Inclui Referências.

1. Pedagogia. 2. Educação sexual. 3. Formação. 4. Escola. I. Carmo, Evelyn Kalyne do. II. Oliveira, Leandro Paulo de. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 37.01

Dedicamos esse trabalho ao conjunto de forças que acreditamos, que ao longo desta jornada norteou todas as nossas atitudes, nos ergueu nas dificuldades, alimentou-nos com sabedoria e conhecimento para tomar as melhores decisões em busca das nossas convicções, loucuras e oportunidades, apostando em todas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a nossa família, aos nossos professores e amigos pelo apoio profissional e pessoal, não obstante as nossas frequentes ausências. Reforçamos os agradecimentos aos diversos seres que acreditamos das mais diversas religiões. A nossa orientadora Me. Ariedja de Carvalho Silva, que com sua experiência, apoio, companheirismo, empatia, instruções e dedicação nos guiou na construção deste sonho, sempre salientando ser apenas uma etapa de nossa almejada vitória.

“O professor não pode falar sobre sexo em sala de aula, mesmo que haja extrema necessidade, pois é tachado de sexualizador. Talvez a educação sexual desejada esteja nas novelas. Todo mundo assiste às mídias com contentamento, o problema é que os Alunos tolos de formação evangélica que se acham sabidos demais usam o tema para impor sua fé, pois que devem à sociedade escondem-se atrás do puritanismo fingido, sacrificando a transversalidade da educação. A direção da escola não se impõe, aí sofre as consequências. Morre de medo de perder o cliente sem qualidade. Pois, para o medo não tem regras.”
(Claudecir Ferreira de Andrade)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 A história da educação sexual no Brasil.....	11
3.2 Os desafios da educação sexual no Brasil.....	13
3.3 Formação profissional dos educadores.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20

EDUCAR PARA NÃO MACHUCAR: Os desafios da formação pedagógica e estrutural para o ensino de Educação Sexual nos anos iniciais.

Bianca Larissa Nascimento Chagas

Evelyn Kalyne Do Carmo

Leandro Paulo de Oliveira

Ariedja de Carvalho Silva ¹

Resumo: A Educação nacional possui muitos percalços, entre eles está a Educação sexual. Um item difundido mundialmente e que no Brasil ainda se move a passos lentos. Por muito tempo muitas pessoas munidas de falsos moralismos, interpretações religiosas inadequadas e preconceitos latentes, como machismo e contra gêneros fizeram com que o processo educativo fosse estagnado. O objetivo deste trabalho é apresentar seleção de artigos, publicações, obras, teses e dissertações relacionados ao tema. Descrever teorias referentes a conceitos de Educação Sexual, a história da educação sexual no Brasil, os desafios de ensinar e a formação dos profissionais, desmistificando os males sociais, orientando para eliminar abusos, principalmente dentro de instituições educacionais, relatar as influências religiosas e os diversos preconceitos. Demonstrar as relações família e escola na busca de solução para o bem-estar das crianças do ensino infantil. Destruir abusadores, diferenciar sexo e sexualidade e promover ao status de protagonista, a Pedagogia.

Palavras-chave: Pedagogia. Educação. Sexual. Formação. Escola.

1 INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) institui no art. 29 que “a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996).

Sendo assim explicitado pela Lei, Freire (2019) é muito feliz quando diz: “Ensinar exige curiosidade. A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma

¹Professora da UNIBRA. Mestre em Educação Matemática e Tecnológica. E-mail: ariedja.carvalho@grupounibra.com

também”, ou seja, a educação infantil é uma etapa da vida de tamanha complexidade, responsável direta pelo desenvolvimento das crianças em todos os aspectos formativos, que juntos despertam um sentido infantil muito latente, a curiosidade.

Partindo desta ideia e segundo Haase (2023) é nessa fase e momentos que este sentido infantil se torna mais evidente, através do qual as crianças adquirem vontades de compreensões sobre o mundo ao seu redor, feito de forma responsável e correta, só traz benefícios.

Como a educação, conforme Brandão (1981, p.7) acontece “Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos” e que “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com Educação...”, com a sexualidade, que possuímos desde que nascemos e que desperta uma curiosidade imensa nas crianças, não poderia ser diferente e nem deixar de ter seu espaço nos ambientes de aprendizagem. Tudo é ao mesmo tempo curioso e desvendador, pois a curiosidade funciona como um “desejo intenso, de ver, ouvir, saber, experimentar alguma coisa” (ASSMANN, 2004. P.24). Ou seja, só sossegam quando são respondidos em todos os seus porquês, tornando a importância de uma educação sexual, mesmo em ambientes de aprendizagens complexos, sujeitos a possíveis deslizes educacionais, por menor que sejam, poderão ter um efeito devastador na vida de uma criança.

O que é preciso para encontrar um caminho para o desenvolvimento de uma educação sexual no âmbito escolar sem escancarar o puritanismo dos pais, de outros professores e de gestores ortodoxos?

“Educar para Não Machucar - Os desafios da formação pedagógica e estrutural para os anos iniciais” tem o objetivo de delinear ações e atitudes para que as crianças desenvolvam conhecimentos sadios com o objetivo de, no aflorar da sua juventude, tomar atitudes seguras, preenchendo o vazio deixado pela falta de diálogo sobre sexualidade na família, entre pais e filhos, desfantasiando todo esse puritanismo da tradicional família brasileira, a fim de evitar conhecidos atos de assédio sexual entre familiares, nas escolas e em diversos ambientes educacionais.

Pretende expressar a importância da educação sexual no ambiente escolar para a educação infantil nos anos iniciais da educação brasileira, desmistificando a sexualidade, preparando nossas crianças para evitar problemas sociais como gravidez precoce na adolescência, abusos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, habilitá-los a conhecer seu próprio corpo, entender a ideologia de

gênero, abolir o machismo estrutural, higienizar suas partes íntimas e alcançar todas as diversidades educacionais, desde crianças com dificuldade de mobilidade a crianças com transtornos do espectro de autismo, com atenuados problemas sociais como violência física e fome. O mais importante será desenvolver um trabalho em que a educação sexual na infância não se torne uma vítima do preconceito, levando-nos a uma simples analogia, como sendo o ensinar sexual.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Este trabalho tem como principal proposta a realização de uma pesquisa bibliográfica que reúna através de seleção de artigos, publicações, obras, teses e dissertações, informações que tratam a importância da Educação Sexual para o ensino infantil e primeiros anos, refletindo Gil (2002, p. 17):

“A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema”

Aliada com os diversos questionamentos, a pesquisa atentar-se-á ao seu maior objetivo, instruído em Novo (2023), quando explica a necessidade de ao identificar, demonstrar e coletar informações que contribuam para o assunto ou ideia.

Em consequência pedagógica refletirá os métodos de alfabetização salutar para o crescimento social e de aquisição de conhecimento sobre sexualidade, bebendo em Gontijo (2014, p.4), quando informa a necessidade de repensar conceitos de alfabetização com o intuito de alimentar política e práticas educativas que empoderem e desenvolvam pensamentos críticos.

O conjunto de conhecimentos adquiridos através da análise bibliográfica, permeia o sentido educacional da sexualidade, em que sobressai métodos que desmistificam culturas ortodoxas e desenvolvem canais de aprendizagem.

A revisão de literatura atenderá os anseios de uma população envergonhada com seus desejos, mas que pouco valoriza os esforços de pedagogos, de educadores entre outros personagens deste enredo chamado Educação Sexual, os seus desafios e barreiras.

Priorizará o conceito de sexualidade humana para que os males sociais, frutos da falta de instrução, como: machismo estrutural, assédio sexual e estupro virtual,

entre outros, não se tornem intrínsecos à natureza do ser humano.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico tem o objetivo de referendar a pesquisa municiando-a com o seguinte conceito: “O referencial teórico permite verificar o estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2003), e será alicerçado as premissas de Marion, Dias e Traldi (2002, p.38), quando explicam que deve conter um conjunto de dados atual mesmo que divirjam de nossas escolhas.

Sendo assim, temos em Cabral (2023): “a educação sexual é o nome dado ao processo que visa educar, ou seja, esclarecer jovens e adolescentes a respeito da responsabilidade particular de cada um quando estes decidem entregar seu corpo a alguém” porém em se tratando de educação, Freire (1993) é muito assertivo: “não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente”.

3.1 A história da educação sexual no Brasil.

A educação sexual brasileira, como em outras áreas da educação, foi introduzida no currículo nacional tardiamente, devido ao pragmatismo religioso, aos “valores” da tradicional família brasileira e principalmente ao falso moralismo social brasileiro, e sem Brandão (1981), em que sabiamente diz que alfabetizar visa libertação.

Tudo isso levou Figueiró (1998) a indicar também que os profissionais de educação precisavam, como em qualquer área, de uma preparação para atuar neste conhecimento, o entendimento de origem, quais ciências subsidia teoricamente e práticas, porém durante muito tempo não houve vislumbre.

Figueiró (1998) continua sua explanação e informa que houve várias tentativas de implementação da educação sexual, partindo do princípio sexista, no qual, em meados das décadas de 20 e 30, educadores e médicos comprometidos com o bem-estar da mulher necessitavam informá-las para melhorar sua saúde, porém nada perto da estruturação de uma metodologia de ensino.

“Médicos e educadores em um número considerável manifestaram-se a favor da

educação sexual como forma de evitar a perversão moral, as psicoses sexuais e a degeneração física, bem como assegurar a saudável reprodução da espécie". (Bruschini & Barroso, 1986, p.32)

Segundo Figueiró (1998), os primeiros trabalhos de Educação Sexual no Brasil ocorreram nas décadas de 1920 e 1930, a partir das iniciativas de educadores e médicos que defendiam a Educação Sexual na escola. A pesquisadora registra que a primeira tentativa de incluir a Educação Sexual no currículo escolar ocorreu em 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro. A experiência prosseguiu por vários anos até a demissão e processo, em 1934, do professor responsável pelo projeto.

De acordo com Rosemberg (1985, p. 12), "[...] a Igreja Católica constituiu um dos freios mais poderosos, até a década de 60, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro." De acordo com a autora, como ocupava uma posição privilegiada de influência social na população brasileira e até mundial, a Igreja Católica tomava decisões a respeito dos rumos da educação nacional, com repressão e domínio do que deveria ser dito ou não, talvez aqui estivesse sendo delineado os casos de abusos sexuais, que hoje sabemos existir dentro da Igreja.

De acordo com Chauí (1984), "a Igreja Católica compreende o sexo como essencialmente atado ao pecado, à morte e à finitude, devendo ser tratado com continência ou mesmo abstinência".

Contudo, Bassalo (1999) diz que as discussões acerca da educação sexual de crianças e adolescentes no Brasil tiveram início a partir da década de 1920, e que foi nesse período que o debate em torno da temática encorpou, surgiram diversos títulos publicados, principalmente, sob a forma de traduções de estudos sobre sexualidade e psicanálise.

Ainda em Bassalo (1999), as discussões sobre a importância da educação sexual tomaram forma, de tal modo que em julho de 1933 é criado o Círculo Brasileiro de Educação Sexual - CBES, no Rio de Janeiro com atuação ampla e intensa [...] O CBES desenvolveu uma campanha pela educação sexual com as mais variadas atividades, entre palestras, conferências, semanas de educação sexual, postos de atendimento gratuito sobre higiene e psicologia sexual [...]

A educação sexual dos jovens, seria para o presidente do CBES, a forma mais eficaz para mudar o cenário de saúde do brasileiro, especialmente em relação à erradicação das doenças venéreas, especialmente da sífilis, consideradas um dos maiores flagelos sociais do país (BASSALO, 1999, p. 41).

3.2 Os desafios da educação sexual no Brasil.

Educar no Brasil é complexo em todos os sentidos, e quando se trata de educar sexualmente falando, encontram-se vertentes de todos os lados, uma vez que por se tratar de um País de dimensões continentais imensas, miscigenado, culturalmente, politicamente e religiosamente diversificado, os desafios quadruplicam e interferem no esclarecimento da sexualidade.

Para Douglas (2020), em artigo: “A importância da educação sexual no Brasil”, publicado no Site da Universidade Católica de Pernambuco, os desafios são imensos, por alguns achar desnecessário a educação sexual podendo corromper a inocência das crianças, entretanto, o mesmo relata que números crescentes de abusos de vulneráveis diz o contrário, escancarando a necessidade de informar crianças e adolescentes sobre sexualidade, a fim de combater tal violência.

A Educação Sexual nas escolas ainda é um tema que é recebido por uma parte da sociedade com bastante preconceito. Antigamente a resistência da grande maioria dos pais e responsáveis era o grande entrave, pois acreditavam que a responsabilidade de abordar o tema seria da família, embora não tivessem conhecimento suficiente, muito menos metodologia para orientação.

Segundo Santos et al. (2023), descrever projetos pedagógicos, pensando na sexualidade infantil não é prioridade de muitas escolas, tende-se a trabalhar assuntos diversos, tergiversar e permanecer adotando práticas pedagógicas tradicionais, deixando temas essenciais para construção da identidade para segundo plano, perdendo oportunidades para estimular capacidades cognitivas e senso crítico.

Contudo, a Educação Sexual é um tema que vem crescendo e ganhando importância para a formação de pessoas, porém ainda existe uma parcela que dificulta a implementação concreta e mais ampla do tema, devido às questões políticas-culturais, religiosas e sociais (FIGUEIRÓ, 2020).

As religiões cristãs, por possuírem grande influência na vida social, cultural e por que não, sexual das pessoas, promovem atitudes ortodoxas, como o incentivo a castidade, a vivência da sexualidade apenas após o matrimônio, questiona a pedagogia das escolas e marginaliza a busca de conhecimento, sobre gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, masturbação, entre outros.

Embora, em sua essência, as religiões incentivem o amor, pecam na interpretação de Britzman (1998, p. 162): “A base da curiosidade, a força que nos

permite elaborar e ter ideias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro”, pois as atitudes práticas de suas pregações resultam na desinformação sobre a educação sexual e favorece abusos em suas entranhas.

Outro desafio da pedagogia encontra-se a um click, tendo em vista a redes sociais canalizarem a educação de filhos, através de informações equivocadas, com acesso facilitado e o não discernimento adequado do seu conceito, quer sejam tecnologias que têm o computador e a internet como instrumentos facilitadores de otimização de processos, para o cuidado em saúde, da educação permanente e do desenvolvimento de pesquisa, entre outros (PINTO et al, 2017).

Ou seja, a criança atualmente consegue obter vários conteúdos, desde informativos, aos que na maioria não são seguros e corretos, veiculados na Internet, pela TV e propagandas erotizadas e mesmo campanhas para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, ficam complexas, fantasiosas e equivocadas. Contudo não se deve abster do uso das redes sociais para esse fim, uma vez que sua amplitude atinge o imensurável e Pinto et al, completa: “Dentre as inúmeras alternativas educativas, o uso das tecnologias na educação sexual, como as redes sociais, é extremamente importante para a disseminação de conhecimento”.

No trabalho de Orientação Sexual são muitas as questões às quais se deve estar atento. Em primeiro lugar, trata-se de temática muito associada a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares e para que possa se efetivar de forma coerente com uma visão pluralista é necessário que esses fatores sejam interdisciplinares, encontrando espaços livres para dúvidas e questionamentos se expressarem.

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores (BRASIL, 2023).

3.3 Formação profissional dos educadores.

Não é novidade para nenhum profissional de educação que ensinar exige preparação, criticidade, metodologia definida e principalmente dedicação. Sendo assim, esse tópico é crucial para o sucesso da Educação Sexual no âmbito escolar, uma vez que para desenvolver o seu trabalho com maestria o Educador, obrigatoriamente mergulha em várias teorias Freirianas (2019), como: “Ensinar exige

pesquisa: [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. [...] Educo e me educo.”

O corpo docente para a Educação Sexual é complexo em todos os sentidos, desde a sua própria educação à sua formação, uma vez que, como os educandos, os educadores já possuem conceitos e preconceitos construídos, o que torna Vasconcelos (1971) pioneira, quando didaticamente fala que a Educação sexual já existe, se desenvolvendo alheia às problemáticas individuais. Tendo exemplos na família, no cinema, na televisão e atualmente, na palma da mão, através das redes sociais.

Então, quem deve educar? Um questionamento muito atual, haja vista que nos últimos anos autoridades governamentais desenvolveram o conceito anti-educação sexual nas escolas, resguardados no conservadorismo e na própria interpretação de Charbonneau (1979), que afirma ser papel dos pais a educação sexual na primeira infância e na adolescência.

Porém a vida atual não compactua desse conceito, uma vez que defende o compartilhamento da educação. Em 2001, o Plano Nacional de Educação (PNE/Lei 10.172/2001) que mesmo não sendo implementado completamente trouxe à luz da discussão temas como: formação de docentes para abordarem questões de gênero e educação sexual.

O alinhamento entre os profissionais de educação, verdadeiros formadores de opiniões, se faz necessário segundo Hossaka (2013, p. 4) devido aos crescentes problemas da sexualidade, a influência midiática e aos acessos de informações sobre o tema, supostamente com conceitos errôneos e vulgares sobre sexualidade, que possuem grande viés transformador do cotidiano escolar.

Como deve ser a formação profissional? Hossaka (2013 p.4) referenda que ao vislumbrar no mínimo a possibilidade de utilizar profissionais pedagogos e outros agentes educacionais na educação sexual, como mediadores na construção de conhecimentos, abre o horizonte para olhar crítico e sensível, num esforço reflexivo para a descoberta de seu próprio corpo e a formação cidadã.

Portanto, o profissional incumbido de desmistificar preconceitos e educar, precisa está em formação plena e continuada, avaliando e sendo avaliado, atento às evoluções sociais, suas novas nomenclaturas, alinhado com as tecnologias e propenso às diversas abordagens.

A formação profissional deve estar alicerçada aos conceitos de Silva (2016,

p.21):

O trabalho com a educação sexual deve ser uma parceria com a família, responsável legal pelas crianças, instituição que deve estar informada de todo o processo educativo. Precisam entender que a sexualidade é um impulso presente em todos os estágios do desenvolvimento humano. O professor, para ser um bom orientador, precisa trabalhar interiormente as questões sexuais, livrando-se dos preconceitos, superando os tabus e informando-se sempre, para que venha a ser um bom educador e formador de valores. As perguntas sobre as questões sexuais se tornam mais complicadas e devem ser respondidas com tranquilidade e com clareza. É importante que o professor desenvolva em sala de aula atividades que tenham noções das diferenças sexuais como, por exemplo, processo de concepção e desenvolvimento dos bebês e ideias. Evitar atividades que incentivem os preconceitos entre os sexos ou a competição entre eles. A criança precisa entender as diferenças sexuais, mas desenvolvendo noções sadias e sem preconceitos sobre os papéis sexuais, reforçando sempre a igualdade de direitos.

Portanto, temos que tirar do foco o profissional de Ciências, pois Segundo Silva e Santos (2011), “historicamente a comunidade escolar vem delegando aos professores de Biologia e Ciências a responsabilidade de orientação e conteúdo sobre a o tema Educação Sexual” e na verdade devemos tornar como principal mediador da educação sexual, os pedagogos, pois desde os primeiros anos as curiosidades latentes os permeiam.

Outro detalhe sensível é o interesse pessoal do profissional, Rodrigues e Salles (2011, p.2) revelam trata-se de um entrave para a formação, tendo em vista que não há uma mobilização para o tema, pois se há interesse, entusiasmo pelo assunto, o professor estuda, discute e compartilha conhecimentos, caso contrário, não vinga.

Sendo como mantra a certeza de Cury (2008, p.47): “Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à Educação Sexual nas Escolas, o grande desafio é encontrar um consenso que contemple as diversas vertentes, seja no campo ortodoxo, defensores de narrativa, na qual a sexualidade venha ser assunto de família, acreditando ser os educadores influenciadores na orientação sexual.

Porém no campo mais liberal, a visão é quanto ao desenvolvimento de atitudes saudáveis, evitando IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis), no qual o papel

da Escola seja de desenvolver abordagens educativas, diante da constante exposição, no ambiente escolar, a brincadeiras com conotações sexuais e fundamentados em estudos que apontam ser, nos anos iniciais, o surgimento inicial dos relacionamentos afetivos (MORAES, 2019). Entretanto, a importância deve estar concentrada no intuito de estabelecer o “como fazer”.

“É de conhecimento de todo educador e até mesmo dos pais, que não existe uma receita pronta para formar bons alunos e/ou bons filhos”, como indica Caiado (2023), ou seja, a pesquisadora defende a relação objetiva entre família e escola, e que ambos, enquanto mediadores do conhecimento, devem buscar aperfeiçoamento e sensibilidade para tratar sobre educação sexual.

No contexto biológico é salutar desmistificar o corpo, descrevendo conceitos e funções, porém é extremamente urgente reeducar os professores para tal missão, pois segundo Morais et al (2020. p.137): “estudo da sexualidade não deve se limitar apenas ao aprendizado do corpo humano e da afetividade envolvida na sexualidade, mas abranger também questões que envolvem o contexto social e cultural [...]”.

Diante do exposto, é muito interessante o roteiro definido pela Rede de Ensino Santa Mônica (2022), no qual indica aos professores desde a infância trabalhar com os menores o conceito de educação sexual, com o viés da sexualidade, ratificando ser fundamental o ensinamento para evitar abusos e assédios sem saber que estão sofrendo. A Instituição salienta que as crianças aprendem as partes do corpo e suas funções, como os bebês são gerados, o que pode ou não ser tocado em seu corpo, no corpo do outro e quem pode tocar.

Os autores possuem consenso em afirmar que deve haver uma interlocução entre família e escola, alunos e professores, alinhando e compartilhando informações. A educação sexual pode ser trabalhada em sala de aula através de palestras sobre o assunto e rodas de conversas.

Na educação infantil realiza-se através de ensinamentos na questão do “conhecer” o corpo e a prática do não, quanto ao toque nas partes íntimas. Ser sensível na explicação das diferenças entre meninos e meninas, não peiorar os órgãos genitais e explicitar para quem pedir ajuda caso sejam tocados indevidamente em seu corpo, ou seja, desenvolver a teoria de defesa.

Contudo, esse tipo de educação sexual baseada no intuito de orientar sexualmente, não deve tender a reforçar o pressuposto de que falar em sexualidade restringe-se apenas a falar do biológico ou de prevenção de doenças sexualmente

transmissíveis. A proposta deve pensar a sexualidade e outras diferenças, como as culturais, políticas, contextualizar a diversidade de gêneros e interdisciplinaridades entre aspectos biológicos e sociais, ratificando sexualidade como parte da vida cotidiana e não afetando as pessoas exclusivamente como assunto de saúde pública (MISKOLCI, 2012).

É urgente desmistificar os dogmas religiosos, os quais, as diversas religiões difundem entre seus membros, sendo os maiores opositores da educação sexual nas escolas. Contudo é mais urgente, ainda, implementar a “teoria” das relações Escola-Família nas discussões, solucionando os entraves e não tropeçar no Compromisso de Dakar (2001, p.6-7), especialmente, na melhora dos aspectos da qualidade de educação, assegurando alfabetização nas habilidades essenciais à vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa delineou-se a partir de fatos de violências sexuais ocorridas contra crianças em diversos âmbitos educacionais em todo o território nacional, da necessidade de quebrar tabus, destruir machismo estrutural, fazer da educação a melhor ferramenta de transformação social existente e proteger as crianças, jovens e adolescentes, vítimas potenciais da falta de conhecimento sobre Educação Sexual.

“Educar Para Não Machucar: Os desafios da formação pedagógica e estrutural para o ensino de Educação Sexual nos anos iniciais”, compartilhar com diversos órgãos o conceito de Educação sexual, tratando-a como sendo uma das formas mais eficientes de prevenção, arma valiosa no enfrentamento de possíveis abusos contra crianças e adolescentes. Acreditando que ao ensinar desde cedo e com abordagens apropriadas para cada idade, desmistificar preconceitos, exterminando abusadores e consequentemente formando meninas e meninos, homens e mulheres socialmente e sexualmente saudáveis.

Internalizou o conceito de Educação Sexual, como sendo o processo que proporciona acesso ao conhecimento, esclarece dúvidas, caracteriza e diferencia sexualidade do ato sexual, objetivando entender que a existência de pensamentos contrários a utilização da ferramenta do educar, será ineficaz, se houver alinhamento metodológico, entusiasmo, desvestir discriminações e preparar os educadores.

É mais do que necessário, torna-se indispensável a Educação como instrumento incessante na busca da desconstrução dos males sociais.

Apesar da BNCC entender que a sexualidade é um tema de grande importância apenas para ser discutido nos anos finais do ensino fundamental, relegando a segundo plano a importância da educação sexual para Educação Infantil, as pressões dos falsos moralistas e da “tradicional família Brasileira”, não há de impedir a evolução acadêmica dos pressupostos apresentados, pois sinalizam uma relação valorosa e pedagógica, além de conectarem as relações humanas e as diversas biografias que defendem o ato pedagógico para todas as faixas etárias.

Se existem fragilidades, pode-se evidenciar, solitariamente, a persistência da família em insistir no seu papel de educar sexualmente, mesmo que os dados publicados em diversos veículos de comunicação, reafirmam a ineficiência dos pais de conseguir orientar seus filhos sobre a vida sexual e sua sexualidade, sem o apoio profissional adequado.

Percebe-se, também, a grande influência religiosa nas decisões políticas e culturais, reverberando na pedagogia, restringindo temas a serem abordados, desconstruindo conceitos e alimentando preconceitos.

Face ao exposto, a Pedagogia pode e deve estar preparada, para desenvolver um trabalho consistente, pertinente e de sucesso para abolir os efeitos maléficos da falta do método eficiente de formação – A educação sexual.

Considerar a importância da Pesquisa apresentada, fica claro a necessidade de políticas públicas exigir a implementação das discussões nas escolas, trazendo a luz a certeza do preparo dos alunos para evitar possíveis abusos, métodos contraceptivos para IST's, diminuição de gravidez precoce, da participação dos pais/mães e/ou responsáveis nas criações de programas educacionais, eliminação do preconceito contra a diversidade de gênero e do medo da convivência com milhões de pessoas que vivem com HIV, enumerando alguns benefícios da Educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudécir Ferreira De. **O Pensador**, 2023. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase>. Acesso em: 07 de junho de 2023.

ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BASSALO, L. de M. B. **Os saberes em torno da educação sexual na primeira metade do século XX no Brasil**. 1999. 157p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2023.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. pag 77 Disponível em:< [Orientação Sexual \(mec.gov.br\)](http://www.mec.gov.br)> Acesso em: 22 Mai. 2023. BRASIL.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRITZMAN, Deborah. **Sexualidade e cidadania democrática**. IN: SILVA, Luiz Heron. A escola cidadã no contexto da globalização. Petrópolis, Vozes, 1998.p. 154-171.

CABRAL, Gabriela. Educação Sexual. **Mundo Educação**, 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sexualidade/educacao-sexual.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

CAIADO, Elen Campos. Educação Sexual na Escola. Canal do Educador, 2023. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacao-escolar/educacao-sexual-na-escola.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual essa nossa (des)conhecida**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. **EDUCAÇÃO SEXUAL: Seus fundamentos e seus processos.** São Paulo, SP: Círculo do Livro S.A., 1979

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

Declaração de Dakar: EDUCAÇÃO PARA TODOS. Texto adotado pela Cúpula Mundial de Educação Dakar, Senegal - 26 a 28 de abril de 2000. Disponível em: http://cape.edunet.sp.gov.br/textos/declaracoes/6_Declaracao_Dakar.pdf. Acesso em 18 de maio de 2023.

DOUGLAS, Alessandro. **A Importância da Educação Sexual no Brasil.** Portal da Universidade Católica de Pernambuco, 2023. Disponível em: <https://portal.unicap.br>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** Eduel, 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 58ª Ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GONTIJO, Cláudia. **ALFABETIZAÇÃO: políticas mundiais e movimentos nacionais.** Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

HOSSAKA, Edna Massue. **O pedagogo e a educação sexual – um laço possível?** 2013. Produção Didático Pedagógica – Os Desafios Da Escola Pública Paranaense, Paraná, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas 2003.

MARION, José Carlos; DIAS, Reinaldo; TRALDI, Maria Cristina. **Monografia para os cursos de Administração, Contabilidade e Economia.** São Paulo: Atlas, 2002. p.38.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma análise da normalização** Florianópolis, Fazendo Gênero VII – Gênero e Preconceito, 2006.

MORAES, Isabela. **Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países?** Politize! 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

MORAES et al. Educação sexual: as percepções dos professores de biologia do ensino médio. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio - ISSN: 1982-1867 - vol. 14, n. 1, p. 135-156, 2021.

Educação sexual para crianças: como a família pode abordar o tema.

Santa Mônica Rede de Ensino. 2022. Disponível em: <https://blog.santamonicarede.com.br/educacao-sexual-para-criancas/>. Acesso em: 07 de maio de 2023.

NOVO, Benigno Nuñez. **METODOLOGIA DE PESQUISA:** Análise dos principais pontos para produção de uma pesquisa científica. Meu Artigo, 2023. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/metodologia-de-pesquisa.htm/>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

ROSEMBERG, F. **Educação sexual na escola.** Cadernos de Pesquisa, n. 53, p.12 1985.

OLIVEIRA, C. M. S. de. **Educação sexual na escola-concepções e práticas.** 2006.

PINTO, Agnes Caroline et al. Uso de tecnologias da informação e comunicação na educação em saúde de adolescentes: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 634-644, jan. 2017. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11983>>. Acesso em: 06 maio. 2023.

SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. Sexualidade e Formação Docente: representações de futuros professores/as de Ciências e Biologia. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Campinas, 2011

SANTOS, W. R; NEVES, J. V; OLIVEIRA, M. V. **O papel da Escola para o enfrentamento da Violência Sexual contra crianças nos discursos de professores do Ensino Fundamental em Augusto Corrêa – PA.** Arquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 6, n. 14, mai-ago,

SILVA, Karla Firmino Da. **Pedagogia da sexualidade: o papel do professor**. 2016. Monografia - UFPB, João Pessoa, 2016.

Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. pag 87. Disponível em: [Orientação Sexual \(mec.gov.br\)](#) Acesso em: 22 Mai. 2023.

VASCONCELOS, Naumi. **Os Dogmatismos Sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.